

IMAGENS DE ESCOLAS: DAS DOBRAS INSTAURADAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Ana Paula Patrocínio Holzmeister



Como professora-pesquisadora argumento que ao entrar em relação com as crianças no processo da aquisição da leitura e da escrita faz-se necessário investir na força do coletivo, pois ISSO possibilita a emergência de um campo intensivo o qual potencializa o processo na medida em que cria canais de passagem ENTRE as intensidades produzidas nesses encontros. Desse modo, considero que, a fim de superar a idéia *fracasso escolar E/ou dificuldades de aprendizagens, muito freqüentes nas análises mais habituais sobre a questão da alfabetização no Brasil, investe-se em campos antes impensáveis. Campos que se constituem nos cotidianos sem que possamos ter controle sobre os mesmos.*

O que circula no encontro entre os corpos: as crianças, as folhas de papel, o lápis, as letras de madeira ou plástico, a professora, as revistas e livros disponíveis, não é simplesmente a apropriação do código lingüístico – o reconhecimento e a utilização das letras do alfabeto no registro das palavras ou mesmo no registro das idéias que possam vir a compor um texto. O que circula ali é um campo de intensidades, um bloco de sensações que arrasta a experiência da escrita para um campo

extralingüístico. E, é no âmbito desses encontros sensíveis, que as crianças e as professoras estranham o mundo, criam outros mundos, ultrapassando os limites do reconhecimento podendo vir a instaurar uma aprendizagem inventiva.

Desse modo, a potência do processo de alfabetização se desloca das análises cognitivistas que buscam detectar o que as crianças sabem e o que elas precisam saber sobre o código lingüístico (como se fosse possível determinar de antemão a amplitude de tais saberes em um indivíduo), e se instaura nas redes que vão se constituindo nos encontros onde os corpos se conectam E se atravessam, rompendo com a personalidade do registro.



Nesse processo de produção, que passa necessariamente por vias intensivas, as crianças buscam conectar-se a diferentes corpos (um desenho, um filme, um personagem de ação, uma visita, uma conversa, um gesto, ou mesmo uma idéia "sem-sentido") instaurando um acontecimento singular.

Assim, cada escritor "em sua atenção ao texto" produz um bloco de sensações que se conecta com outros corpos sensíveis, criando sentidos inusitados e imprevisíveis. Assim, a produção de texto não é simplesmente o uso mecânico de palavras, letras, o reconhecimento utilitário da linguagem. A produção de texto exige cuidado. É preciso selecionar e articular as idéias e os signos pensando junto, fazendo junto. As interferências locais são freqüentes, há estranhamentos, surpresas, indecebilidades...

Há vida intensa no texto. E essa intensidade é vivida no e pelo corpo sensível. Os registros, as palavras ganham vida e jorram em um devir aprendente não cabem nas formas obedientes, nas regras e convenções.

Vida intensa que se expressa e que circula por entre as mesas, vida que se movimenta ainda que aparentemente estática, sentada à cadeira. Vida que entra em relação E que vai se configurando como próprio em meio à produção.

No processo de experimentação da linguagem produzido com o coletivo move-se segundo um estranhamento nos modos diferenciais de produção de sentido e de elaboração registros que se defrontam e abrem passagem para a instauração de uma experiência singular. Acontecimento que ultrapassa os individualismos e as individualidades, inaugurando uma produção concomitantemente comum e singular.



.....

✓ Ana Paula Patrocínio Holzmeister: Mestre em Educação - UERJ

Referências bibliográficas (ou textuais):

- KASTRUP V., TEDESCO S. e PASSOS E. *Políticas da Cognição*, Porto Alegre: Sulina, 2008.
- HOLZMEISTER, Ana Paula P. *Docência como Devir – entre obstruções e invenções: uma cartografia das experimentações engendradas pelas professoras de um Centro de Educação Infantil*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2007a.
- HOLZMEISTER, Ana Paula P. *Experiências Perturbadoras: a introdução do conceito de duração nas análises sobre as práticas educativas*. Anais do Colóquio Internacional Henri Bergson, UERJ, Rio de Janeiro, 7-9 de novembro 2007b.